

TRABALHO E GÊNERO EM COMUNIDADES EXTRATIVISTAS DA COSTA PARAENSE

Norma Cristina Vieira^(*)
Deis Siqueira^(**)
Maria Gomes^(***)
Marcella Ever^(****)

Resumo

Trata-se de resultados de pesquisas realizadas desde 2010 e nas quais se utiliza, sobretudo, a abordagem qualitativa - interpretativa dos fatos sociais, apoiadas em questionários e entrevistas semiestruturadas. Objetivo inicial: divisão sexual do trabalho em comunidades costeiro-estuarinas do estado do Pará.

Palavras-chave: Divisão Sexual do Trabalho. Relações de Gênero. Comunidade tradicional.

Abstract

These are results of research conducted since 2010, using specifically the qualitative - interpretative approach to social facts, based on questionnaires and semi-structured interviews. Initial goal: sexual division of labor in estuarine coastal communities of the State of Pará.

Keywords: Sexual Division of Labor. Gender Relationship. Traditional Community.

INTRODUÇÃO

O artigo trata da região estuarino-costeira de Bragança, estado do Pará. Esse estado possui 55.0% da plataforma continental da Região Norte do Brasil, a qual tem uma área aproximada de 295.000 km². Zona costeira é uma região compreendida entre ambientes continentais e marinhos. Estes últimos são importantes como hábitat crítico para uma infinidade de espécies e alimentam uma grande quantidade de processos ecológicos: produtos de processos de interação complexa que estão constantemente modificando rochas e sedimentos (SOUZA FILHO; EL-ROBRINI, 2000).

Os manguezais, um dos mais importantes ecossistemas da costa brasileira, são um tipo específico de floresta tropical ou subtropical úmida; ecossistemas em transição entre o continente e o mar, formados nas áreas dos estuários e desembocaduras dos rios, com

(*) Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental da UFPA, Campus de Bragança. E-mail: normacosta@ufpa.br.

(**) Doutoranda do Programa Biologia Ambiental da UFPA, Campus de Bragança, Profa. da Faculdade de Educação UFPA. E-mail: deisqueira@yahoo.com.br.

(***) Mestre em Biologia Ambiental, UFPA, Campus de Bragança. E-mail: marili@ufpa.br.

(****) Mestre em Biologia Ambiental, UFPA, Campus de Bragança.

variações constantes de inundações. São, ainda, bacias hidrográficas entre águas doces, salobras e salinas que compõem áreas privilegiadas para processos e reservas ecológicas, berçários, meios nutritivos e locais de multiplicação de numerosas espécies animais e vegetais. Fornecem bens e serviços singulares para o desenvolvimento dos estuários e das formações associadas, tais como os ecossistemas da plataforma continental contígua. Entre as suas principais contribuições, destacam-se: a estabilização da linha de costa e proteção contra tsunamis e outros fenômenos meteorológicos; alta taxa de sequestro de carbono da atmosfera; e provisionamento de áreas berçários para espécies marinhas, limícolas, dulcícolas, pelágicas e recifais. Apesar disto, são poucos os estudos existentes sobre a região costeira-estuarina em questão.

A costa paraense é caracterizada pela presença de um elevado número de estuários que possuem grande influência na dinâmica dos fatores físicos e oceanográficos e na ecologia da biota da região (CAMARGO; ISAAC, 2003). Estuários são ambientes onde a água proveniente do mar se encontra com a água originária de um rio, e as águas doces e salgadas se misturam: ambiente muito rico e diverso em formas de vida. Dentro deste contexto, encontra-se a planície costeira bragantina com aproximadamente 40 km de extensão. Esta planície se caracteriza por penínsulas cortadas por canais-de-maré que ligam o manguezal aos estuários dos rios Caeté e Taperaçu (SOUZA FILHO; PARADELLA, 2002).

O município de Bragança localiza-se na chamada Região do Salgado ou Leste paraense e o seu manguezal caracteriza-se por uma grande diversidade de ecossistemas: praias, baías, costões, manguezais, restingas, ilhas, recifes, falésias, estuários, brejos.

De acordo com Krause *et al.* (2001), aproximadamente 90.0% da península bragantina (cerca de 120 Km²) são cobertos, fundamentalmente, por três espécies de mangue (plantas nativas de áreas de manguezal): mangue vermelho [*Rhizophora mangle* L.], Siriúba [*Avicennia germinans*(L.) Stearn] e mangue branco [*Laguncularia racemosa* (L.) Gaertn f.], sendo a primeira a espécie dominante (MARQUES; CARVALHO; MELLO, 1997; PROISY *et al.* 2003). Os bosques de mangue são bem desenvolvidos, com árvores de até 25 metros de altura, e entrecortados por pequenos canais que permitem a entrada de nutrientes provenientes das águas da baía do Caeté (WOLF, KOCH, ISAAC, 2000).

No que toca aos povos do mangue, as principais atividades das comunidades da região costeira bragantina são as extrativistas. Dentre os recursos litorâneos explorados, o ecossistema de manguezal contribui com uma importante parcela na geração de renda

familiar. Os principais recursos naturais explorados são: peixes, crustáceos e moluscos. Realizava-se a agricultura com maior intensidade em todas as comunidades da região, mas essa prática veio perdendo importância (MANESCHY, 2005). Trata-se de comunidades de populações tradicionais, com características bastante similares, sendo a pesca sua principal atividade.

Consideram-se povos e comunidades tradicionais os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, e que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição, tal como definida pela PNPCT - Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2007).

Assentindo com Little (2002), podem ser chamados de povo na medida em que têm um sentido de pertencimento a um lugar específico (o mangue, ou *mangal*); regimes de propriedades e de usos comuns; profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva.

E concordando com Diegues (1995), comunidades rurais situadas à margem dos estuários podem ser consideradas como civilizações do mangue: sua vida econômica, social, cultural encontra-se estreitamente ligada à flora e à fauna do mangue, aos ciclos lunares, sazonais e de maré, aos períodos de reprodução dos animais.

Na região, prevalecem os arranjos artesanais. As poucas tecnologias artesanais utilizadas, por exemplo, para a pesca do caranguejo (luvas, sapatos, gancho) são criadas e confeccionadas por eles mesmos. Identifica-se a centralidade da dimensão subjetiva do trabalho em que o saber-fazer do trabalhador e da trabalhadora e sua destreza no manejo dos instrumentos que utilizam são base para o processo de trabalho.

Populações tradicionais, artesanais, extrativistas, organizadas em comunidades onde o tempo social e a vida cotidiana são fortemente regidos pelos ciclos naturais; o tempo da natureza impõe suas regras de forma significativa. As atividades desenvolvidas nos vários ambientes desta zona costeira são comandadas, em boa medida, pela dinâmica natural dos diversos recursos biológicos encontrados nestes ecossistemas. Ainda são bastante presentes as forças da natureza sobre a vida social, como é o caso do movimento das dunas, redesenhando territórios e movendo residências. Assim, essas populações têm sua vida econômica, social e cultural intimamente ligada à flora e à fauna, aos ciclos lunares, sazonais e de marés, à observação da alternância do dia e da noite, das estações

do ano, dos tempos de reprodução dos peixes e muitos outros animais provenientes dos mangues, das marés e da pequena agricultura (GLASER; OLIVEIRA, 2005). Cabe aos e as trabalhadoras da região assumirem os riscos e os custos próprios das atividades extrativistas, as quais variam em função de marés, dos ciclos biológicos e da mobilidade das espécies, de fatores meteorológicos (MANESCHY, 2005). Identifica-se grande plasticidade nas relações entre as determinações externas e os limites biopsicossociais das pessoas no processo produtivo. E as forças da natureza fazem parte das representações sociais, do imaginário social, daí o poder das religiões e da religiosidade, como indicaram Durkheim (2008) e Weber (1967) ao pensarem as sociedades pré-capitalistas.

Ainda, as referências sobre as práticas de solidariedade, de ajuda mútua, de escambo, de pagamento do trabalho via distribuição do “quinhão” (participação do trabalho paga com parte do recurso natural conseguido coletivamente) são muitas e atualizadas (ALMEIDA, 2012).

Destaque-se a importância do parentesco. A dimensão familiar é algo mais amplo do que a doméstica. A primeira se remete a toda rede de parentesco (consanguíneo e por afinidade). A segunda se restringe às pessoas que coabitam o mesmo lar.

Os grupos domésticos estão inseridos em práticas de solidariedade familiar, ou seja, formas de colaboração entre todos os membros, relacionando-se diretamente com a organização da comunidade, a qual é fortemente marcada por laços de parentesco mais distantes, e que forma uma rede sempre reatualizada e reaproximada pelos casamentos. O parentesco é um princípio organizativo fundamental e elemento central da reprodução social. As relações sociais são comunitárias, ou seja, se ancoram em um sentimento subjetivo por parte dos membros de pertencer afetiva e tradicionalmente ao mesmo grupo (WEBER, 1994).

Ademais, no que diz respeito à territorialidade predomina o uso comum. A utilização dos territórios obedece, sobretudo, à sazonalidade das atividades (agrícolas, extrativistas ou outras), caracterizando diferentes formas de uso e ocupação dos elementos essenciais ao ecossistema, em que se tomam por base laços de parentesco, compadrio, vizinhança. Além das águas doces e salgadas, é comum o uso coletivo de muitas áreas terrestres.

Os Conhecimentos Ecológicos Locais são fundamentais para garantir a continuidade destas populações. Homens e mulheres utilizam-se dos saberes da tradição acumulados pela experiência, observação da natureza e transmissão oral. Sistema mutável de informações que são adquiridas ao longo do tempo em função de

conhecimentos, de práticas, de valores e de experiências individuais e coletivas do grupo social, da comunidade (DAVIS; WAGNER, 2003).

Outra justificativa do estudo diz respeito a que a estrutura de gênero nestas comunidades é bastante diferente daquela que prevalece na sociedade ocidental urbana, moderna, da qual partem as interpelações hegemônicas (acadêmicas, estatais). O gênero estrutura todos os campos no contexto específico (comunitário, extrativista) e a divisão sexual do trabalho é central para a sua compreensão. A partir desta, a reflexão cresceu em termos das relações de gênero e de gendramento da vida; mundos de homens e de mulheres; o trânsito entre eles; variantes e invariantes nas estratégias de produção e de reprodução, de criação e de recriação de relações sociais gendradas.

As comunidades caracterizam-se por uma grande diversidade ambiental e de atividades, sobretudo extrativistas. Dá-se um uso intensivo dos recursos costeiros, como pesca de espécies variadas, a saber: mariscos variados, camarão (*Litopenaeus schmitti*), Gó (*Macrodon ancylodon*), sardinha (*Anchovia clupeioides*), turu (*Teredo sp.*), siri (*Calinectes sp.*), sururu (*Mytella sp.*), caranguejo (*Ucides cordatus*) e outros recursos do manguezal ainda que em menor escala: ostra (*Crassostrea rhizophorae*) e sarnambi (*Lucina pectinata*). Ademais, coleta de mel e agricultura familiar por meio do cultivo de mandioca, milho, feijão, arroz, laranja, entre outros (GORAYEB, 2008).

As atividades ocupacionais produtivas nas comunidades costeiras estuarinas da zona bragantina apresentam características comuns e ao mesmo tempo particularizadas. No caso das comunidades que serão tratadas neste artigo: a Vila do Bonifácio (VIEIRA, 2007), é prioritariamente dedicada à pesca marítima; algumas diversificam a atividade entre a pesca no mar e a coleta de caranguejo no manguezal como é o caso da Vila do Treme (GOMES, 2013); outras transitam entre a pesca marítima, coleta de moluscos e crustáceos e agricultura, como é o caso Vila de Caratateua (ALMEIDA, 2012).

Frequentemente as populações costeiras necessitam retirar-se ou abandonar suas casas pelo processo de amplitude de maré, como é o caso da maioria dos moradores da Vila do Bonifácio, ou como no exemplo de Caratateua onde há décadas atrás coletavam sururu na beirada da comunidade e atualmente precisam distanciar-se cada vez mais para encontrar bancos naturais dessas espécies.

O mesmo ocorre com os recursos da natureza do manguezal (crustáceos, moluscos, vegetais), os quais constantemente exigem, por questões naturais, a reordenação do tempo diário dos coletores para essas novas rotinas, mostrando o quanto

os organismos ao mesmo tempo em que são interferidos pelas populações humanas, também interferem no modo de vida das pessoas.

O artigo que segue é fruto da reflexão e discussão de algumas investigadoras do grupo de pesquisa *Estudos Socioambientais Costeiros/ESAC*, do Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental do IECOS – Instituto de Estudos Costeiros, da Universidade Federal do Pará, *campus* Bragança, o qual vem desenvolvendo o projeto de pesquisa guarda-chuva intitulado *Gênero e conservação da biodiversidade: a Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu/Amazônia Paraense*, com apoio da Capes e do CNPq.

Espera-se que os resultados das pesquisas contribuam para a implantação do Plano de Manejo da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, criada em 2005 no município, com uma extensão territorial de 420 km², compreendendo quase toda a Península de Ajuruteua e englobando vários ecossistemas (mangue, terra-firme, rios, várzea, estuários, campos salinos, etc.) (BRASIL, 2005).

Quanto aos procedimentos metodológicos utilizados: participação em várias das atividades que se desenvolvem nas comunidades; questionários, entrevistas semiestruturadas; grupos focais e associações livres com estudantes do ensino fundamental. No Treme, foram aplicados 163 questionários e realizadas 13 entrevistas, incluindo-se uma idosa que não trabalhou na catação do caranguejo. Em Caratateua, foram realizadas 119 entrevistas e 25 na Vila do Bonifácio. A escolha dos participantes da pesquisa contou com várias estratégias, destacando-se a representatividade geográfica (residências) e a técnica de bola de neve (*Snowballsampling* ou cadeia de informantes). Trata-se de uma técnica de amostragem a qual utiliza cadeias ou redes de referência, seguindo indicações dos participantes da pesquisa (BIERNACKI; WALDORF, 1981). Ou seja, os e as primeiras entrevistadas indicam outras e outros informantes até se chegar a um ponto de saturação das informações.

As reflexões incluem pesquisas realizadas em outras comunidades da região costeiro-estuarina de Bragança, mas aqui serão enfatizadas três delas, a saber: Vila dos Pescadores, Caratateua e Treme. Na primeira, a atividade principal é a pesca em águas costeiras.¹ Nas outras duas, também se pesca, mas na atualidade a principal ocupação é a coleta e o beneficiamento de caranguejo (*Ucides cordatus*), sendo que, no Treme, este processo encontra-se mais avançado, ou seja, proporcionalmente ocupa mais pessoas do

¹Pesca se refere a peixes, caranguejos, mariscos (camarão, mexilhão, turus, siri), mas no texto será usada pesca para extração de peixe; tiração para pesca de caranguejo; coleta para outros mariscos; catação para beneficiamento do caranguejo.

que aquele e o problema dos resíduos é mais evidente, assim como a divisão do trabalho é mais especializada. Em Caratateua, são mais comuns os casos em que uma mesma família coleta, prepara e cata o caranguejo em uma mesma casa. Ao homem cabe a coleta e os primeiros tratamentos do caranguejo; à mulher, o colhimento de sua carne (“massa”). Estes saberes e fazeres traz embutido uma complexa organização da divisão social e sexual do trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Para se chegar ao produto final, isto é, à massa de caranguejo, passa-se por três etapas bem definidas. A primeira refere-se à coleta dos animais e é considerada uma atividade de homens, os quais, de acordo com as marés (pois só entram no mangue na maré baixa), deslocam-se sempre em grupo, normalmente em pequenos barcos, sendo, no entanto, a retirada dos animais, de um a um, um ato individual, de forma relativamente isolada em uma determinada área. Os caranguejos ficam enterrados no tijuco (areia de lama mesclada com resquícios de matéria orgânica, sedimento comum do ecossistema de manguezal), em tocas de aproximadamente um metro e meio de profundidade (OLIVEIRA, 2013).

A segunda fase caracteriza-se pelos primeiros tratamentos dos animais, os quais consistem em sua matança, esartejamento e cozimento, para que, ensacados e pesados, sejam distribuídos nas residências das catadoras. É também um trabalho considerado de homens, sobretudo no Treme.

A terceira fase consta da retirada da carne do caranguejo, que é ensacada em embalagens de meio ou um quilo. Este trabalho, o da catação, é considerado de mulheres e realizado em seus domicílios. O produto final é recolhido, na hora acordada, pelos mesmos homens designados pelo patrão, os quais entregaram os animais. No caso de Caratateua, onde a divisão do trabalho é menos especializada, quem o recolhe é o marreteiro (comerciante).

NATUREZA E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

1. Tempo

O tempo da natureza é âncora para as populações tradicionais, artesanais, extrativistas. Ele impõe suas regras de forma significativa, pois o tempo social e a vida cotidiana são fortemente regidos pelos ciclos naturais. As atividades

desenvolvidas nos vários ambientes desta zona costeira são comandadas, em boa medida, pela dinâmica natural dos diversos recursos biológicos encontrados nestes ecossistemas.

Desse modo, os recursos naturais extraídos pelas populações costeiras estuarinas nos diferentes ambientes estão, sobretudo, vinculados aos períodos de safra. Esses períodos, determinados pelos ciclos naturais, condicionam o calendário da produção, bem como a organização da divisão sexual e geracional do trabalho. É na safra que as famílias potencializam seus esforços de pesca no sentido de ampliar a produção e consequentemente a renda.

No Bonifácio pescadores e pescadoras seguem o calendário de atividades adaptado ao ciclo de vida e a abundância dos diferentes recursos pesqueiros. De maio a julho, mais de 50.0% das famílias capturam a pescada-gó. Durante o período seco, setembro a dezembro, cerca de 80.0% capturam o camarão branco e a pescada amarela. Esses dois períodos de safras são apontados pelos moradores como os mais importantes na composição da renda familiar da Vila, daí a necessidade da participação de todos os membros, inclusive crianças e adolescentes (VIEIRA; MORAES; NUNES, 2013).

As safras também são motivos de festas e de comemorações nas comunidades. É um período de fartura e de possibilidades de aumento da renda, pois determinadas espécies como o camarão e a pescada amarela têm significativo valor comercial se comparados com outras espécies da região. Os festivais da gó, do camarão, do caranguejo e da tainha são alguns dos exemplos destas comemorações.

A pesca no estuário é realizada por homens e mulheres, sendo que as mulheres atuam em geral em ambientes mais próximos da casa.

Em Caratateua o sururu é retirado na corrente de maré, tem grande valor comercial, sua comercialização é importante também porque coincide com períodos de defeso do caranguejo (proibição de coleta). Durante o período de safra (dezembro a fevereiro, meses “secos” do ano, antes das “grandes chuvas”) o sururué coletado por homens e por mulheres. Homens tiradores de caranguejo se deslocam para a coleta de sururu junto com as suas mulheres e familiares.

Aqui a mulher participa, mas como ajuda ao parceiro. Não há interdições para elas, ainda que se trate de uma prática difícil e arriscada, motivo que justifica a não ida das mulheres para o mangue. Contudo, nos cuidados que seguem a captura, nas residências (cozer; peneirar ou catar; recatar - separar o molusco das valvas/cascas) o trabalho é das mulheres. Fora deste período, como esta atividade é fundamentalmente para autoconsumo, trata-se de uma tarefa das mulheres.

Na Vila do Bonifácio, como os homens coletam peixes de espécies de maior valor comercial em alto mar, esta atividade é principal e considerada masculina, à diferença de Caratateua e do Treme, onde o caranguejo (coleta e catação) tem mais importância enquanto gerador de renda. Nestes locais, as atividades no manguezal, o qual é considerado uma extensão da casa, incluindo catação de caranguejo, é da mulher. Suas atividades na pesca dos homens (confeção, conserto de redes) são consideradas ajuda e as demais atividades que elas desenvolvem são menos valorizadas e têm menor valor comercial.

No jogo entre mercado e autoconsumo as mulheres movem-se em direção às atividades de menor valor comercial, menor monetarização, menor valorização da atividade enquanto trabalho.

Sobre essa questão Woortmann (1992) destaca que a classificação do espaço natural é também uma classificação de espaços sociais e de domínios pertinentes a cada gênero. Desse modo, as formas de apropriação e uso dos recursos também sofrem permissões sociais e são englobadas para cada domínio, bem como, as relações hierárquicas entre estes.

A relação dos indivíduos com os recursos naturais apresentam-se fortemente gendradas, ou seja, organizadas a partir dos lugares de gênero, na qual as atividades masculinas encontram-se predominantemente fora do âmbito doméstico, voltados para o externo, mais expressivamente a pesca em alto mar ou currais e a coleta de crustáceos relativamente distantes da comunidade como caranguejo e o camarão, enquanto as atividades de pré e pós captura tal como confeção dos apetrechos de pesca, beneficiamento e tratamento dos animais e as pescas próximas das residências são consideradas uma tarefa feminina, porque tem sido estruturado socialmente que a domesticidade é função principal da mulher.

Em Caratateua e Treme, por exemplo, as mulheres são, em boa medida, as responsáveis pela atividade do beneficiamento do caranguejo. Essa atividade é regulada pelo tempo da natureza (“tempo da maré”), ou seja, não há um horário fixo de trabalho entre dia e noite. As mulheres trabalham no beneficiamento em boa parte nos seus domicílios o que possibilita compatibilizar essa atividade com os afazeres domésticos.

Conforme o horário do beneficiamento de caranguejo ou da pesca, as mulheres se organizam para operarem as diversas atividades ligadas ao cuidar, como limpar a casa e o terreiro, lavar as roupas e louças, cozinhar, alimentar os animais, cuidar das crianças entre outras atividades. Essas tarefas domésticas raramente são compartilhadas com os

homens, a não ser quando a mulher está muito doente, segundo elas “no fundo da rede”. Ainda assim, vale ressaltar, a participação de homens (maridos/ companheiros e filhos) se limita a certas tarefas. Mas ocorre.

2. Territorialidade

Na realização das várias atividades desenvolvidas nas comunidades há demarcação de territórios de ação, ou seja, definições de territórios para o uso dos recursos naturais. No mar, concordando com Begossi (2004), entre os pescadores artesanais, há locais que não são territórios de pesca, outros onde há conflitos e locais onde há regras de uso. Na região, no geral, procura-se respeitar a zona delimitada pelos municípios, embora haja “invasões” de pescadores de outras paragens. No manguezal há um pacto de uso do espaço, ou seja, o grupo que chega primeiro tem a posse do lugar, naquele dia (OLIVEIRA, 2013), o que demonstra a existência de um gerenciamento alternativo do uso desses espaços territoriais de produção, mantidos pelos pescadores e pescadoras artesanais da zona bragantina.

Esse gerenciamento também é marcado pela divisão sexual do uso do espaço, que varia de comunidade para comunidade. Na Vila do Bonifácio, onde os homens se dedicam, prioritariamente, à produção pesqueira no mar, o manguezal é espaço de mulher, local onde é retirado o complemento alimentar – caranguejo, sururu e outros moluscos e crustáceos. Entretanto, o mesmo não acontece na Vila de Caratateua e na Vila do Treme, onde a coleta de caranguejo é atividade de homem. Logo, o *manguezal não é lugar de mulher, lá é perigoso e tem o Ataíde*, segundo um morador da Vila do Treme, a qual reproduz a representação social hegemônica. Ataíde é uma figura sobre-humana, protetora do manguezal, de genitália gigantesca, a qual castiga transgressores ambientais.

Esta característica estruturante do gênero pode ser identificada na construção de outras territorialidades, além da dimensão do trabalho. Locais como o porto, os botecos, o campo de futebol são territórios do homem. O primeiro é local de concentração de homens: ai eles embarcam, desembarcam, negociam suas produções, consertam seus barcos, num espaço de alegres conversas ao som de músicas vindas de pequenos rádios. É um espaço onde funcionam pequenos bares (botecos), abertos somente nos horários do fluxo de embarque e desembarque.

Não gosto de ir no porto, só vou lá por muita necessidade, quando preciso mando o menino [filho], mas quando não tem ninguém

sou obrigada a ir... e o meu marido também não gosta, lá é ruim, não gosto de ir lá (moradora da Vila do Treme).
O porto é local de homem, lá as mulheres não são bem vindas, mesmo se for para buscar o quinhão (moradora da Vila do Bonifácio).

Assim, geralmente, as mulheres não frequentam este local, e se por um acaso necessitam fazê-lo, os homens silenciam durante a permanência destas, ou ao contrário, falam alto, uns com os outros, “piadas picantes”, como uma forma de constranger a mulher e afastá-la dali. Desta forma o território dos homens é reforçado enquanto tal.

O mesmo acontece com o uso do campo de futebol: quando os homens se reúnem para se divertirem, as mulheres não são bem vindas, salvo se for o caso de um torneio entre comunidades. Nesse caso a mulher será parte da torcida e sua presença é bem aceita. Entretanto, mesmo neste momento, quando terminam os jogos, durante a comemoração, há um grupo dos homens que festejam o evento, com bebidas e conversas jocosas e um grupo das mulheres, que também brincam, trocam ideais, elogiam seus homens entre si.

A ocasião do torneio acontece geralmente nos domingos e feriados, ocupando o dia inteiro dos grupos e é um evento muito esperado pelas comunidades envolvidas. Por parte dos homens, pelo jogo; por parte das mulheres pela oportunidade de encontrarem amigas, amigos e parentes que residem em outros locais.

Nesse contexto qual o espaço privilegiado da mulher? A casa. A domesticidade. Nas comunidades do Treme, de Bonifácio e de Caratateua, o território por excelência das mulheres é a casa e seu entorno - os quintais, e dentro da casa, particularmente a cozinha. Os trabalhos executados além dos afazeres domésticos, dentre outros, o de catação de crustáceos, de moluscos, o trato dos peixes, a confecção e reparos de instrumentos de pesca, são realizados geralmente numa construção anexa chamada de “puxadinho”, próximo à cozinha.

Portanto, na construção de territorialidades (de trabalho, de lazer) o gênero é constituinte, assim como é constituinte das relações sociais, destacando-se a divisão do trabalho, das tarefas. O lugar de homens e o lugar de mulheres são bem definidos nas comunidades. Há permissão para o trânsito do outro sexo, mas este não é estimulado e pode sofrer coações.

As mulheres são excluídas da pesca de alto mar, exclusão ancorada em várias interdições no plano simbólico e vários mecanismos de controle sobre as mesmas (Maués, 1993, 1994). Mesmo quando estas mulheres também têm total entrosamento com a atividade de pesca, devida à constante prática de pescar em rios, lagos, manguezais, praias

(MANESCHY, 1995) com armadilhas fixas ou móveis e utilizando-se de vários métodos de captura como os manzuás, matapis e até mesmo pelo método de tapagem².

Mas enfatize-se a fluidez na construção dos territórios. Assim, no que toca à divisão sexual do trabalho:

- a) no Treme e em Caratateua, é comum que as mulheres se organizem na ida ao manguezal para pescarem sururu ou turu;
- b) a diferença é que na primeira o fato acontece também como um momento de lazer, pois as mulheres em grupo aproveitam uma parte do dia para a pescaria além de tomar banho, lavar roupa;
- c) em Caratateua e em Bonifácio essa atividade, também em grupo, é uma prática regular, ou seja, as mulheres sempre estão indo ao manguezal para pescar o sururu como complemento alimentar;
- d) mas em Caratateua, no período da safra desse molusco, quando o produto se torna rentável, é o homem que se dedica a essa atividade, a mulher o acompanha “para ajudar”.

Logo, tanto o uso das águas e das proximidades das águas, como o manguezal, pode ser local de homem ou de mulher, não são lugares fixos. O que regula a permanência de um ou de outro nesses espaços é uma combinação de elementos, destacando-se a rentabilidade que os recursos do espaço oferecem.

Essa hierarquia tende a se associar à hierarquia do que é considerado como masculino (mais valorado e mais valorizado) e como feminino, a qual se articula, simultaneamente, ao *status* valorizadíssimo de provedor da família, que cabe ao homem. Tanto assim que, apesar da casa ser o espaço destinado às mulheres, ela só será considerada chefe se não houver a presença de um homem, seja marido, filho ou outro parente. Mesmo quando garante, com sua renda, a manutenção do grupo doméstico. A chefia é do homem.

A construção das territorialidades se dá no plural (no lugar do trabalho, do lazer, da organização do espaço da comunidade) e na forma de vários arranjos e trânsitos. Há permissões, interdições, no uso do território as quais se apoiam em valores, símbolos, crenças.

A realidade é marcada por um movimento constante.

²Manzuás, matapis, tapagem: armadilhas fixas de pesca. O manzuá é feito com uma espécie de bambu (taboca). Pesca com matapi: captura de camarões. Tapagem: fechamento de um igarapé ou braço do mar na sua largura (MORAES, 2007).

Assim, pesquisas indicaram que no início do milênio a coleta de caranguejo era uma das opções mais constantes para as mulheres, além do processamento de produtos do mar. Na medida em que se deu uma maior integração ao mercado e consequente monetarização da atividade, como foi mais evidente no caso da comunidade do Treme, intensificou-se a jornada de trabalho, diversificam-se as técnicas de organização do trabalho, inclusive dentro dos lares, a divisão das atividades entre os sexos foi se tornando mais especializada e os homens passaram a assumir funções antes consideradas de mulheres.

A intensificação do extrativismo de caranguejos implicou, além das inovações técnicas, uma reordenação da divisão sexual do trabalho, com o afastamento da mulher das capturas e sua concentração nas atividades pós-captura. Nas condições em que passou a se realizar, o trabalho no manguezal tornou-se masculino por excelência...onde se implantou o beneficiamento em escala comercial, este tende a ser, quase que exclusivamente, praticado por mulheres (MANESCHY, 2005: 225).

No Treme, os homens encarregam-se da etapa de captura (como em Caratateua), mas aí eles passaram a se ocupar também da primeira etapa do beneficiamento do crustáceo (limpar, esquartejar, cozinhar). E às mulheres ficou o encargo de extrair a carne (“massa”) do animal, atividade que é combinada com as demais atividades domésticas e, como tais, menos valorizadas que as dos homens. Quando a atividade de coleta para venda foi introduzida no Treme, a extração da carne era realizada de forma coletiva por mulheres nos quintais de algumas casas de seus comerciantes (“casas de catação”). Aos poucos a limpeza, o cozimento e esquartejamento, feito por homens, se estabilizaram fora de casa em alguns locais destinados a estas atividades e a catação foi retornando às residências das mulheres, para que pudessem combinar os dois tipos de trabalho, a catação e a domesticidade.

Por um lado, a inserção crescente de homens na execução destas atividades consideradas femininas, como é o caso da catação de caranguejo em Caratateua, desenvolve-se em meio a várias justificativas para o homem estar realizando uma atividade considerada feminina e não estar trabalhando fora de casa. Por outro, na medida em que vai se tornando masculina, vai ascendendo na hierarquia de valoração e valorização das atividades.

O movimento da realidade apresenta, simultaneamente, variações, como se pode observar. Não são fixas as interdições e apropriações de certas tarefas, de certos territórios por eles mesmos, por ser catação de caranguejo ou por ser mangue, por exemplo. Mas estas são elaboradas socialmente no sentido de garantir a hierarquia de gênero, na qual as funções e o que é de homem sejam avaliados positivamente em relação às funções e ao que é de mulher. As investigações indicam que, por exemplo, se um produto destinado exclusivamente ao autoconsumo passar a ter valor de mercado, este passará a ser “coisa de homem”. E a atividade considerada mais valorizada (mais difícil, mais importante). O território do produto será “de homem”, aquele que é, por princípio, o chefe, o mantenedor da casa. Ou seja, há variações, trânsitos, simultaneamente a esta invariante de gênero, a qual garante a assimetria da hierarquia entre o masculino e o feminino. Hierarquia (de gênero) que diz respeito às relações entre homens-homens; mulheres-mulheres e não apenas entre homens e mulheres (sexo).

Identificou-se uma invariante de gênero que orienta uma invariante de sexo instigante. Os homens, mesmo aqueles envolvidos com a catação (atividade até o momento típica “de mulher”), têm todos, seu tempo de descanso. Existe um tempo de trabalho e um tempo de descanso. As mulheres, porque responsáveis pela reprodução (“destino da maternidade”) estão sempre trabalhando, mesmo que a maior parte de suas atividades não seja considerada como trabalho. Há um tempo de repouso, mas pouco ou quase nenhum de descanso. Além da casa, do quintal, dos filhos, do grupo doméstico, há os da família: os mais velhos, os que necessitam cuidados especiais. Vários tipos de atividades simultâneas em um mesmo tempo e espaço. Como afirmou uma catadora de caranguejo do Tremé: *A mulher cata e quando termina, não acaba, continua a trabalhar*, indicando como a divisão, construção, apropriação dos tempos são desiguais.

Milton Santos (2008) afirmou que uma visão estática do espaço geográfico é inaceitável porque o conteúdo técnico do espaço é, em si mesmo, necessariamente, um conteúdo em tempo, isto é, o tempo das coisas. Acrescente-se ao jogo espaço-tempo a importância de se levar em conta a apropriação gendrada do tempo e do espaço.

3. A reprodução como destino

Nestes contextos a divisão sexual do trabalho no uso dos recursos naturais tem um peso muito forte. Na divisão de tarefas as mulheres estão inseridas no campo do cuidado, do doméstico, da família e suas atividades cotidianas como pescar, coletar animais ou

plantas, e a agricultura, ocorrem em consonância com as atividades da casa, como uma extensão destas atribuições, partindo do entendimento das proximidades da residência como uma extensão da casa e as diversas atividades próximas a casa como extensão do espaço doméstico.

Como ressaltam várias autoras (SIQUEIRA; BANDEIRA, 1988; MANESCHY; SIQUEIRA; ALVAREZ, 2012), o tempo reservado ao homem é aquele voltado ao espaço da produção (domínio masculino) e o tempo da mulher é voltado ao espaço da reprodução (domínio feminino). Assim, enquanto os homens estão em sua maioria vinculados ao considerado setor produtivo, relativo à produção de bens e serviços para o consumo ou a venda, a sociedade e a cultura atribuem à mulher o papel materno, que reforça os vínculos biológicos e é por eles reforçado, criando os significados simbólicos de proximidade da natureza (DI CIOMMO, 2007).

Ao contrário do mercado, do que é considerado como esfera econômica, mundo das mercadorias, o trabalho doméstico se efetiva em torno de relações interpessoais, ancorado-se em uma disponibilidade permanente do tempo das mulheres a serviço da família (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009).

E quanto mais tempo as mulheres se dedicam ao trabalho remunerado, menos tempo é alocado para as tarefas não remuneradas. Mas se eventualmente a catadora não conseguir ser rápida no trabalho de catação, considerar-se-á que ela não é uma boa dona de casa, que não está sabendo administrar o tempo da catação - a produção, com o tempo dos afazeres domésticos - a reprodução (PINTO, 2003; 2010; SUÁREZ, 2000). Afinal, *a ordem social é antes de mais nada um ritmo, um tempo* (BOURDIEU, 1979: 47). Conformar-se com a ordem social é primordialmente respeitar os ritmos, acompanhar a medida, não andar fora de tempo.

Neste sentido, como evidenciou Delphy (2009), o trabalho doméstico determina a condição das mulheres nas comunidades estudadas e a família pode ser lida também enquanto um local de exploração econômica das mulheres, pois nela se dá uma apropriação material pelos homens de sua força de trabalho, sejam elas esposas, mães e/ou filhas.

CONCLUSÕES

Como mostram os contextos de três comunidades bem próximas em termos geográficos, econômicos, sociais, parte da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-

Tapraçu/PA, há padrões relativamente fluidos na construção dos territórios, na divisão do trabalho entre homens e mulheres.

O texto tratou de demonstrar que estas variantes são simultâneas a uma invariante: a hierarquia de gênero que valora e valoriza mais o que é de homem. Há mudanças daquilo que “é de mulher” e aquilo que “é de homem” (ocupações, territórios, permissões, interdições), mas o que não varia é que este último lugar está sempre melhor localizado na hierarquia do gendramento da vida. E esta fixidez parece garantir outra invariante nas práticas de homens e de mulheres: elas têm tempo para repouso, enquanto eles têm tempo para repouso e descanso (lazer, ócio).

Este jogo assimétrico se articula diretamente com o destino da reprodução. Um dia de vida de uma pescadora ou de uma catadora de caranguejo demonstra o quanto atividades de trabalho remunerado e atividades de trabalho doméstico são enredadas e gendradas. Mas neste arranjo, destaca-se a recorrência das atividades reprodutivas (domesticidade, filhos, família) como destino das mulheres e a dificuldade de se ter tempo de descanso, tempo livre, tempo para si. O homem, em todas as situações investigadas, se permite após o trabalho, ficar livre para dispor do tempo que tem como desejar, mesmo nos casos em que desempenhe funções consideradas como coisas de mulher, como é o caso da catação da massa de caranguejo.

Por sua vez, o tempo de trabalho remunerado das mulheres, mais ligado ao mercado, tende a ser mais institucionalizado, mais regulado por normas e convenções. O tempo de trabalho não remunerado é também determinado, em boa medida, de forma alheatória, articulado com outros tempos definidos pela natureza ou por instituições (escolares, de transporte, de saúde), mas é menos sujeito a processos regulatórios externos. Mas, no geral, o tempo remunerado, o tempo econômico, tem precedência sobre o tempo dedicado à reprodução, às tarefas domésticas.

Assim, a ordem social está demarcada pelo gendramento da divisão sexual do trabalho, articulada, por sua vez, ao gendramento do tempo e da territorialidade. As relações de gênero se ancoram na menor valorização do que é do feminino (gênero e sexo) e no princípio da reprodução e da maternidade como destino das mulheres (sexo).

Referências

ALMEIDA, Marcela C. Ever de. *O lugar da mulher na apropriação e uso dos recursos naturais e nas atividades produtivas em Caratateua*, Bragança, Pará, Brasil.2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental). UFPA, Bragança, 2012.

BEGOSSI, Alpina. Áreas, pontos de pesca, pesqueiros e territórios na pesca artesanal. In: BEGOSSI, Alpina et. al. (Org.). *Ecologia de pescadores da Mata Atlântica.São Paulo*. HUCITEC/ Nepam/Unicamp/ Nupaub/ FAPESP, 2004. (p, 223-253).

BIERNACKI, P., WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of Chain Referral Sampling. *Sociological Methods & Research*, November, 1981, 2:141-163.

BOURDIEU, P. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BRASIL. Decreto s/n, de 20/05/2005. Dispõe sobre a criação da Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçú, no Município de Bragança, no Estado do Pará, e dá outras providências, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_72/legislacao/decretos.htm>. Acesso em: 01 jan. 2013.

BRASIL. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc, 2000. Acesso em: 1 jan. 2013.

BRASIL. Decreto Nº 6040, de 07 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Presidência da República, Casa Civil, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 16 de fevereiro, 2013.

CAMARGO, M., ISAAC, V. J. Ictiofauna Estuarina. In: FERNANDES: M. E. B.(Org.). *Os manguezais da costa norte brasileira. Maranhão*: Fundação Rio Bacanga. 2003. p. 105-141.

DAVIS, A.; WAGNER, J. R. Whoknows? On the importance of identifying "experts" when researching local ecological knowledge. *Human Ecology*, 31(3):463-489. 2003.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 173-183.

DI CIOMMO, R. C. Pescadoras e pescadores: a questão da equidade em uma Reserva Extrativista Marinha. *Ambiente & Sociedade*, 2007. 1:151-163.

DIEGUES, A. C. *Povos e mares: leituras em socioantropologia marítima*. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

DURKHEIM, H. *Da divisão do trabalho social*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. Trabalho doméstico. In: HIRATA, Helena et al. (Org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 256-262.

GLASER, M., OLIVEIRA, R. S. Direitos e deveres no co-manejo costeiro do Brasil. In: GLASER, M.; CABRAL, N.; RIBEIRO, A. L. (Org.). *Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal*. Bragança: MADAM/ UFPA/NUMA, 2005, p. 351-268.

GORAYEB, A. *Análise Integrada da Paisagem na Bacia Hidrográfica do Rio Caeté – Amazônia Oriental – Brasil*. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro: UNESP, 2008.

GOMES, Maria de Lima. *Treme: gênero e trabalho em uma comunidade extrativista da região costeiro-estuarina do Pará*. 123 f. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental). UFPA, Bragança, 2013.

HIRATA, H., KERGOAT, D. Novas configurações da divisão do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 2007. (37) 132:595-609.

KRAUSE, G., SCHORIES, D., GLASER, M., DIELE, K. *Spatial patterns of mangrove ecosystems: the bragantinian mangroves of northern Brazil (Bragança, Para)*. *Ecotropica*, 2001. 7:93-107.

LITTLE, Paul. *Territórios Sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma nova antropologia da territorialidade*. Série Antropologia. Brasília: Departamento de Antropologia da UNB, 2002.

MANESCHY, M. C. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. 1995. Série Antropologia, v. 11, n. 02, pp. 145-166.

_____. Sócio-economia: trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: FERNANDES, Marcus E. B. (Org.). *Os Manguezais da Costa Norte Brasileira*. Belém: Gráfica Alves, 2005. P. 218-231.

MANESCHY, M. C., SIQUEIRA, D., ALVAREZ, M. L. M. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista Estudos Feministas*, 2012. (20) 03:817-837.

MARQUES, S. N., CARVALHO, E. A., MELLO, C. S. Levantamento preliminar das angiospermas de manguezal da estrada de Ajuruteua, município de Bragança (PA). In: *III Workshop Internacional sobre dinâmica e recomendações para manejo em áreas de manguezais de Bragança – PA*. 1997. Resumos, p. 3-4.

MAUÉS, M. A. “Trabalhadeiras” e “camaradas”; um estudo sobre o status das mulheres numa comunidade de pescadores. Belém: UFPA - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. 1993.

_____. Quando chega essa “visita”? In: D’INCAO, M. A.; SILVEIRA I. M. (Org.). *Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1994. p. 227-240.

MORAES, Sérgio. *Uma arqueologia dos Saberes da Pesca*. Belém: EDUFPA, 2007.

OLIVEIRA, M. V. *Trabalho e territorialidade no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Pará*. 2013. 130 f. Dissertação . (Mestrado em Biologia Ambiental). UFPA, Bragança, 2013.

PINTO, C. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.

_____. Feminismo, História e Poder. In: *Revista de Sociologia Política*. Curitiba, 2010 (18) 36:15-23.

PROISY, C., SOUSA-FILHO, P. W. M., FROMARD, F., PROST, M. T. R. C., MENDES, A. C. *Monitoring the dynamic of the Amazon coast (Para, Brazil and French Guiana) using a common methodology based on a special analysis coupled to a simulation tool, in Mangrove 2003*, Salvador. Livro de Resumos, 1:459-459. 2003.

REPINALDO FILHO, Fernando Pedro Marinho. *Contribuição do Conhecimento Ecológico Local ao sistema de gestão compartilhada da pesca de Emburateuas nos estuários da Reserva Extrativista de Caeté-Taperaçu, Bragança, Pará*. 2012. Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental). UFPA, Bragança, 2012.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da USP, 2008 [1996].

SIQUEIRA, Deis; BANDEIRA, Lourdes. A perspectiva feminista no pensamento moderno e contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 1998. vol. XII, pg. 263-284.

SOUZA-FILHO, P. W. M., PARADELLA, W. R. Recognition of the main geobotanical features along the Bragança mangrove coast (Brazilian Amazon Region) from Landsat TM and RADARSAT-1 data. *Wetl. Ecol. Manag.*, 2002. 10:123-132.

SOUZA-FILHO, P. W. M., EL-ROBRINI, M. Coastal zone geomorphology of the Bragança area, Northeast of Amazon Region, Brazil. *Revista Brasileira de Geociências*, 2000. 30:518-522.

SUÁREZ, M. Gênero: uma palavra para desconstruir ideias e um conceito empírico e analítico. *I Encontro de intercâmbio e do Fundo de Gênero no Brasil*. CIDA/Fundo para a equidade de gênero. 2000.

VIEIRA, Norma. *Participação Juvenil na Pesca Artesanal da Vila de Bonifácio, Bragança, Pará, Brasil*. 2007. 78 p.il. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Ecossistemas Costeiros e Estuarinos). UFPA, campus de Bragança, Bragança, p.70, 2007.

VIEIRA, Norma; MORAES, Sérgio; NUNES, Zélia. Estudo da pesca e a escolaridade de jovens pescadores na Vila de Bonifácio, Bragança-Pará, costa norte brasileira. *Bol. Instituto de pesca*, São Paulo, 39(2): 195-204, 2013

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: EdunB, 1994.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 9. ed. São Paulo: Pioneira, 1967.

WOLF, M., KOCH, V., ISAAC, V. Atrophic flow model of the Caete mangrove estuary (North Brazil) with considerations for the sustainable use of its resources. *Estuarine Coastal Shelf Science*, 2000.50:789-803.

WOORTMANN, E. F. Da complementaridade à dependência: Espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1992. (18): 134-148.